

**BARROCO, FESTA E TURISMO: REMEMORANDO OS ULTIMOS PASSOS DE JESUS
NA CIDADE DE SÃO CRISTÓVÃO-SERGIPE-BRASIL**

**BAROQUE, FESTIVITIES AND TOURISM: RECALLING THE LAST STEPS OF JESUS IN THE CITY OF
SÃO CRISTÓVÃO-SERGIPE-BRAZIL**

Ivan Rêgo Aragão

Mestre em Cultura e Turismo - Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC – Ilhéus/BA
ivan_culturaeturismo@hotmail.com

Janete Ruiz de Macedo

Doutora em História da Antiguidade Clássica – Universidade de León
janetermacedo@yahoo.com.br

RESUMO

As festas realizadas pela Igreja Católica foram os primeiros eventos sociais no período do Brasil colônia, agregando pessoas de classes sociais distintas, mesclando as diferentes culturas e etnias. Estas foram motivo de conagração, mas também, de pelejas e controle social realizado pela Igreja e Estado Português. Atualmente no Brasil, as festas católicas deslocam uma grande quantidade de pessoas no período dos seus acontecimentos. Além de atrativos turísticos, as celebrações religiosas no país são também patrimônio imaterial e estão inseridas dentro da cultura “do festejar” dos brasileiros. Esse presente artigo tem por finalidade abordar aspectos da Festa do Senhor dos Passos na cidade sergipana de São Cristóvão. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com discussão no campo teórico sobre Barroco, Festa Devocional, Tradição, Religiosidade, Procissão, Memória, Turismo, Cultura, Identidade, Religião e Turismo Cultural Religioso e a observação direta no período da comemoração. Com esse estudo, ficou constatado que, como território distante de Portugal desde o período colonial até a atualidade, as festas e procissões no Brasil, tomaram uma dinâmica própria fruto da mistura de raças que aqui se concretizou. Tornando esses acontecimentos incorporados à cultura dos brasileiros e demarcando a religião católica de uma forma *sui generis*.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo Cultural-Religioso, Festa, Nosso Senhor dos Passos.

ABSTRACT

The festivities held by the Catholic Church were the first social events during the period of colonial Brazil, bringing people from different social classes, merging the different cultures and ethnicities. These were the subject of harmony, but also of struggles and social control held by the Church and the Portuguese. Nowadays such festivities attract a lot of people in Brazil. Apart from tourist attractions, religious celebrations in the country belong also to the intangible heritage and culture of Brazilians. This article aims at researching aspects of the Feast of *Nosso Senhor dos Passos* in the city of São Cristóvão Sergipe. The methodology used was literature research and direct observation during the celebration, complemented by a theoretical discussion about Baroque, Devotional Feast, Tradition, Religion, Procession, Memory, Tourism, Culture, Identity, Religion and Religious Cultural Tourism.

This study concludes that as a distant territory from Portugal, since the colonial period until today, festivals and processions in Brazil developed their own characteristics and dynamics especially as a result of the unique mixture of races that was implemented here, experiencing the Catholic religion on their own way and incorporating such events into the Brazilian culture.

KEYWORDS

Religious and Cultural Tourism, Festivity, Nosso Senhor dos Passos.

1. INTRODUÇÃO

No período da expansão ultramarina (final do século XV), junto aos navegantes aventureiros, os padres das Ordens Religiosas saíram para desbravarem o “mundo desconhecido”. Sob a fé divina no céu e o poder do rei na terra, a América Portuguesa recebeu por todo o período em que foi colônia, os missionários da Companhia de Jesus, e posteriormente, a Irmandade Carmelita, Franciscana e Beneditina como um exército de soldados ao serviço do sagrado, tendo o objetivo de trazer novas almas para dentro do catolicismo romano.

A catequização dos nativos do Brasil colônia, não foi tarefa fácil, e nem poderia ser, visto que, os elementos do catolicismo europeu estavam fora do contexto cultural dos povos ameríndios. Os ensinamentos das expressões religiosas ligadas às práticas do catolicismo sofreram resistências, precisando que Portugal lançasse mão de estratégias para a assimilação dos rituais católicos. Uma desses mecanismos foi o estímulo às festas processionais de caráter devocional, através da teatralização, da dramaticidade e da percepção dos cinco sentidos. Como já era tradição em Portugal, alguns padres catequizadores, tendo como princípio as teorias barrocas, empreenderam por todo o território da colônia festejos em invocações aos santos como forma de catequizar e instruir os nativos brasileiros.

Como país predominantemente católico, na atualidade as festas brasileiras em devoção aos santos continuam atraindo multidões que chegam de diversas partes do Brasil às cidades responsáveis por esses acontecimentos, sendo as mesmas responsáveis ao longo do ano pelo fluxo de pessoas nas cinco regiões do país. Além de celebrar momentos especiais, as festas mantêm viva a tradição dos festejos, possibilitando que as mesmas tornem-se um verdadeiro patrimônio cultural. Além de poder dar vazão ao diálogo entre as diferentes religiões simpáticas ao catolicismo e de pôr em evidência o respeito à fé.

Anualmente, em São Cristóvão, cidade pertencente ao estado de Sergipe, sempre no segundo final de semana após o Carnaval¹ acontece a celebração à Nosso Senhor dos Passos. Com elementos do catolicismo barroco português transferido para o Brasil, a referida festa é ritualística, de caráter processional e penitencial. Nos dois dias em que ela acontece, os últimos momentos do calvário² de Jesus são rememorados através da imagem do Senhor dos Passos, atraindo pessoas em romaria de vários lugares do estado e do Brasil, em devoção a Jesus Cristo sob essa invocação.

Esse presente artigo tem por finalidade abordar aspectos da Festa do Senhor dos Passos na cidade sergipana de São Cristóvão. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com discussão no campo teórico sobre Barroco, Festa Devocional, Tradição, Religiosidade, Procissão, Memória,

¹ A festa é celebrada 11 dias após o Carnaval dentro do período da Quaresma.

² Jornada dolorosa, suplício.

Turismo, Cultura, Identidade, Religião, Turismo Cultural Religioso e a observação direta no período da comemoração.

Com esse estudo, ficou constatado que, como território distante de Portugal desde o período colonial até a atualidade, as festas e procissões no Brasil, tomaram uma dinâmica própria fruto da mistura de raças que aqui se concretizou. Tornando esses acontecimentos incorporados à cultura dos brasileiros e demarcando a religião católica de uma forma *sui generis*.

2. FESTA BARROCA

No período que o Brasil tornou-se colônia de Portugal, a Europa passava por um momento de grandes mudanças. Principalmente no que tange a quebra das fronteiras geográficas com as grandes navegações, de paradigmas sobre o universo com as novas descobertas na astronomia e dos embates entre a religião cristã e protestante. Com o avanço das ideias de Lutero pelo continente europeu, a Igreja Católica sentiu-se ameaçada criando a partir desse fato, o Concílio de Trento.³ É nesse momento que o Barroco,⁴ tanto na arte, como em pensamento, [...] “adquire consistência ideológica – uma cosmovisão e uma práxis própria – e se define como estilo” [...] “no instante em que as forças de historicidade desencadeadas pela contra-reforma convergem para um eixo objetivo e se sedimentam num projeto de ação” (ÁVILA, 1971: 49).

Uma das ações do referido Conselho foi de arrebanhar novos adeptos para a religião cristã. O “Novo Mundo” até então desconhecido, surge como possibilidade de oferecer novas almas para perpetuar o poder da Igreja. Com o patrocínio das Coroas Portuguesa e Espanhola e o consentimento do Papa em Roma, os países da península ibérica se lançaram nas chamadas “grandes navegações”. Esse projeto empreendedor ainda tinha objetivos de criar novas rotas de comércio, somada a possibilidade de acumulação de metais preciosos própria do mercantilismo e também, de perenizar o poder monárquico.

Junto aos navegadores, a Igreja incentivou a vinda de missionários para adquirir “novas almas” para o catolicismo cristão (SOUZA, 1986). Mas a adesão de novos adeptos à religião católica no novo continente não foi uma empreitada fácil (SOUZA, 1993) e (VAINFAS, 1995). Frente ao grande número de adversidades culturais e ambientais enfrentadas pelos padres jesuítas e mais tarde os de outras Ordens, o Clero Português proclamou as festas como um dos meios de assimilação da doutrina cristã, e, como propagação do poder do Estado. Para Priore (1994: 31), “os jesuítas foram os pioneiros em detectar de que forma o espetáculo audiovisual podia tornar-se pastoral ou catequético”. No Brasil colônia, as festas com procissões, missas e adoração aos santos, tornaram-se momentos únicos e lúdicos na adesão dos novos adeptos à religião católica: o branco vindo do continente europeu, o negro africano e o ameríndio.

“Articulada em torno de uma cosmologia arcaica que eleva ao sobrenatural a ordem da natureza e da vida social, a festa barroca, em suas remotas origens cristã medievais e renascentistas, graças ao processo de

³ Realizado para assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido a Reforma Protestante.

⁴ O Barroco surge após o Renascimento e o Humanismo que pontuavam a razão e o homem em substituição a Fé e Deus como centro da organização da vida. O Barroco é fruto do conflito característico de sua época. Pressionado pela Igreja e pelo racionalismo, o homem perde-se entre dois pólos opostos: Igreja X pensamento renascentista / salvação X pecado / céu X inferno / espírito X carne / fé X razão.

brincolage que caracteriza sua produção, incorpora e ressignifica poderosos elementos simbólicos pré-cristãos de valores transculturais.” (MALUF, 2001: 3).

Era grande o raio de ação da Igreja na sociedade europeia, indo além da vida pública, regulando na maioria das vezes o cotidiano das famílias, exercendo práticas de controle social e de conduta através da religião. As doutrinas cristãs junto aos seus padres missionários impuseram normas de convívio social e de noção de pecado/virtude a sociedade colonial. As imposições iam além da conduta religiosa, moldando as atitudes dos moradores das cidades no contexto das relações civis. Esse fato não fugia a regra em relação aos acontecimentos festivos. As festas também serviam como mediação entre a metrópole e a colônia da América Portuguesa, estampando a mentalidade do poder real, religioso e deixando latente o modo de vida do homem ibérico. Nos aglomerados urbanos, foi enfatizada a opulência como forma de propagar o poder do rei e de seguir os preceitos contrarreformistas. De acordo com Priore (1994: 11), “a presença do Estado metropolitano português nas cerimônias públicas não apenas marcava a sua assiduidade na Colônia, mas construía as relações entre os diversos grupos sociais e a própria metrópole”. Era natural que, a partir deste fato, ao mesmo tempo em que os acontecimentos festivos promoviam o conagração, serviam também para expor a força Régia e a hierarquização social.

Como expressão do Estado Moderno, no Brasil setecentista e oitocentista, as festas seguiam regras definidas em editais mesmo nos dias que a antecediam. Era o caso das festas nas cidades do ciclo do ouro, onde as obrigações dos moradores perpassavam não só por motivações saneadoras dos espaços urbanos, tais como limpeza das casas, colocação de luminárias ou fogueiras e os melhores panos nas janelas. Mas também, em relação à atitude emocional que os participantes deveriam ter nos dias do acontecimento, passível de multa e prisão (FIGUEIREDO, 1995). Essas ações que precediam a festa também foram discutidas por Mary Del Priore em seu livro “Festas e Utopias no Brasil Colonial”. A autora enfatiza que era tradição nos dias anteriores ao acontecimento festivo cair, iluminar, decorar casas e ruas, bem como erguer mastros à porta das casas (PRIORE, 1994). Mesmo hoje faz parte da festa, colocar panos e toalhas nas janelas das casas, principalmente por onde a procissão com o santo irá passar.

Invariavelmente nas festas religiosas ou civis, o ritual que precedia as comemorações tinha uma formatação semelhante nas cidades: alguns dias antes, o acontecimento festivo era propagado através de pessoas que percorriam as ruas com instrumentos musicais e anúncios conclamando aos moradores participarem da data comemorativa. Ainda nos dias que precediam as festas, eram notórias as ações de limpeza das ruas, colocação de luminárias e mastros na frente das casas. Essas iniciativas sempre estimulada pelos governantes, tinham a função de envolver a população da cidade, direcionando para reforçar os mandos do Rei. No Brasil colônia,

“A festa efetivamente possibilitava ao grupo social o confronto de prestígio e rivalidades, a exaltação de posições e valores, de privilégios e poderes. Tudo é reforçado pela ostentação do luxo e distribuição de larguezas. O individuo ou o grupo de família afirmavam com a sua participação nas festas públicas seu lugar na cidade e na sociedade política.” (PRIORE, 1994: 37).

Por todo o território, nas principais cidades coloniais como Rio de Janeiro, Belém, nas cidades do ciclo do ouro (Mariana, Ouro Preto, Sabará, Diamantina, São João Del Rey), nas cidades do nordeste (Recife, Salvador, Olinda, São Cristóvão-SE, Santo Amaro-BA) era possível ver nas procissões em homenagem aos santos, inauguração de uma igreja, nos funerais de membros da família real, dentre outros, acontecerem vários dias de comemorações. Transformando assim, o ato de festejar, em um momento de confraternização, disputas políticas, hierarquização e de alívio momentâneo frente aos mandos da Coroa.

Era costume em Portugal as festas que, invariavelmente, eram chanceladas pela Igreja e pelo Rei. Ao serem transferidos para a América Portuguesa, os acontecimentos tomaram uma função de destaque em reforçar os poderes da Monarquia e também, como forma de rememoração do exemplo de vida de Jesus e dos santos mártires, inculcando no imaginário dos colonizados, a força da Coroa Real e do Clero através do exemplo das virtudes divinas. Sendo assim, as festas de caráter civil e religioso foram incorporadas ao cotidiano da colônia portuguesa. Polack mostra que a memória pode ser fator de amálgama de uma sociedade e determinante de condutas através do grupo social. Para o autor citado:

“[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (POLACK, 1992: 5).

Ora sob as ordens da Coroa Portuguesa, ora fora dos olhos dela, o fato é que, em mais de 400 anos de história, alguns aspetos da cultura e religiosidade de Portugal e Espanha estão vivos no imaginário dos brasileiros através das festas, onde o sagrado e o profano quase sempre co-existem. Para Maluf (2001) e Amaral (2000), as festas religiosas de caráter popular e devocional, fazem parte da vida dos brasileiros, sendo plausível falar em uma “cultura da festa” no país. São momentos ápices que servem para lembrar acontecimentos bíblicos ou da hagiografia⁵ dos santos, renovando os sentimentos em favor do catolicismo. Ferreira (2009, p. 11) faz uma análise desses momentos, comentando que “as festas religiosas são uma das mais antigas manifestações da vida social no Brasil. Elas diferem umas das outras conforme a época e a sociedade, mas, invariavelmente, representam os valores, reforçam as estruturas sociais e ajudam a construir a identidade de um grupo” [...].

Na atualidade, as festas brasileiras em devoção aos santos continuam atraindo multidões que chegam de diversas partes do Brasil, sendo as mesmas responsáveis ao longo do ano pelo fluxo de pessoas nas cinco regiões do país. Para Martins e Leite (2006), as celebrações de cunho sagrado dão instrumentação de identificar nesses eventos uma vivência do religioso incorporado ao cultural, possibilitando muitas vezes, a recuperação da própria identidade. Para Jurkevics (2005: 1), além de celebrar momentos especiais, as festas, “revelam a essência fundante do respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural”. Com elementos herdados da festa religiosa de matriz ibérica, a pompa Barroca⁶ foi adaptada para a cultura brasileira, onde a mescla de diversas etnias tornou em alguns aspectos, esses acontecimentos únicos em relação à Espanha e Portugal.

Essas manifestações e práticas simbólicas são anualmente comemoradas como meio de promover a sociabilidade, reforçar a identidade e o sentimento de pertença do indivíduo. Segundo Houtart (1994), as práticas simbólicas de cunho religioso são necessárias, visto que, tem a função de fazer o indivíduo sair da trivialidade da vida cotidiana, e como consequência, o reencontro com o eu interior.

Já era costume na Idade Média, as festas em devoção a Jesus e Maria e aos mártires em defesa do catolicismo, mas foi a partir da Contra-Reforma, que se estimulou o culto e devoção aos santos pela Igreja Católica. Transportadas para a América Portuguesa e Espanhola no período das Grandes

⁵ Consiste na descrição da vida de algum santo, beato e servo de Deus proclamados por algumas igrejas cristãs, sobretudo pela Igreja Católica, pela sua vida e pela prática de virtudes heróicas. É também a disciplina de estudo que se ocupa com a vida dos santos e sua veneração.

⁶ No projeto denominado “Pompa Barroca e Semana Santa na América Portuguesa”, a historiadora Adalgisa Arantes Campos, em trabalho apresentado no VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, descreve em detalhes sobre as Irmandades de Nosso Senhor dos Passos nas celebrações da Quaresma e Semana Santa nas cidades mineiras de Vila Rica (Ouro Preto), Mariana, Sabará, Vila do Príncipe (Serro), Tejuco (Diamantina), São João del Rey, e Tiradentes, entre os séculos XVII e XVIII.

Navegações, ainda hoje, esses acontecimentos deslocam um grande contingente de pessoas a fim de conhecerem lugares e celebrações ligadas ao sagrado.

Em diversas cidades do Brasil são visíveis nas festas do calendário litúrgico, os aspectos da devoção Cristiana. Principalmente na Semana Santa, nos festejos do ciclo junino e no Natal, onde as tradicionais festas católicas atraem pessoas para as igrejas, ruas, transformando esses ambientes, em espaços de sociabilidade e manifestação de caráter devocional sagrado e, em alguns casos, elementos que fogem a essa ótica, tornando-se profanos.

3. TURISMO CULTURAL-RELIGIOSO

Pesquisas⁷ apontam que, o segmento do turismo religioso está em franco crescimento. No Brasil, esse tipo de segmento se fortalece, na medida em que como maior país católico do mundo, existe sobremaneira uma demanda para o desenvolvimento dessa prática. De acordo com Andrade (2002: 79), depois do turismo de férias e de negócios, o segmento que mais está se desenvolvendo é o turismo religioso, visto que, “[...] além dos aspectos místicos e dogmáticos - as religiões assumem o papel de agentes culturais pelas manifestações de valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de preservação no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e das sociedades”.

É cada vez maior o número de pessoas que buscam na religião conforto para suas angústias, paz interior e como meio de preenchimento espiritual. Segundo dados do Brasil (1999), o turismo religioso cria um fluxo de aproximadamente 15 milhões de pessoas ao longo do ano nas diversas regiões do território nacional. É 10% da população se movendo pelo território nacional atraída por aspectos espirituais, pelo pedido de graças e por agradecer a intercessão do seu santo de devoção.

Nos estudos de Richards que debate o turismo cultural, esse é visto em uma ampla abrangência, incluindo o fluxo de pessoas envolvidas como o segmento religioso. Segundo o autor citado (2009: 26) apud OMT (2004), o turismo cultural é um:

“[...] movimento de pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visita a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações.”

A Empresa Brasileira de Turismo em parceria com a Arquidiocese do Rio de Janeiro criou o catálogo denominado “Roteiros da Fé Católica” (JURKEVICS 2005). No Brasil, as principais cidades que são referências do catolicismo oficial pelo número de peregrinos são Juazeiro do Norte, no Ceará, terra do Padre Cícero; Nova Trento em Santa Catarina, onde se encontra o Santuário de Madre Paulina; Belém do Pará, na festa do Círio de Nazaré e, a mais conhecida, Aparecida do Norte, no estado de São Paulo, onde está o Santuário da Padroeira do Brasil Nossa Senhora Aparecida (BRASIL, 1999). Mas por todo o território nacional, seja em grandes cidades ou médios e pequenos povoados, é possível perceber a devoção aos santos, beatos e padroeiros das cidades, com sua procissão anual, onde atrai a população urbana e rural para o ritual de adoração.

⁷ Andrade (2002), Dias e Silveira (2003), EMBRATUR (1999), Maio (2006), MTur (2005), Oliveira (2004).

O Brasil (2008: 19), defende o turismo religioso como um subsegmento do turismo cultural, informando que o mesmo,

“Configura-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas [...] tais como as de origem oriental, afro-brasileiras, espíritas, protestantes, católica, compostas de doutrinas, hierarquias, estruturas, templos, rituais, e sacerdócio.”

Nesse sentido, o turismo religioso como ramificação do turismo cultural, se propõe a estimular o deslocamento de pessoas aos locais de culto e peregrinação, onde as mesmas procuram o preenchimento e conforto espiritual. Dias e Silveira (2003: 17), corroboram com a visão do Brasil ao mencionar que:

O Turismo Religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região.

Entidades públicas e privadas ligadas a atividade, têm procurado incentivar a segmentação turística como forma de auxiliar o setor, objetivando o planejamento, a gestão e o mercado. Segundo Lohmann e Panosso Netto (2008), as classificações dentro da atividade turística, é uma estratégia de marketing que divide os consumidores-turistas em segmentos ou subsegmentos, buscando uma maior eficácia dos recursos existentes, e dessa forma, equacionar a oferta e a procura. Beni (2000: 422) põe em discussão o turismo religioso por se tratar de uma demanda com características únicas. Mas confirma sua opinião sobre o segmento, visto que segundo o autor, “[...] esses peregrinos assumem um comportamento de consumo turístico, pois utilizam equipamentos e serviços com uma estrutura de gastos semelhante à dos turistas reais”.

Para Trigo (2010), a viagem antes de ser de cunho geográfico, cultural ou social, é uma jornada do indivíduo consigo mesmo, o que por si só se justifica como experiência fundamental na vida das pessoas. No turismo religioso essa experiência torna-se mais latente, visto que o peregrino-romeiroturista, está quase sempre envolvido com os aspectos emocionais que o sagrado pode proporcionar: é o sentimento de melhores condições físicas e psíquicas que, muitas vezes, move os visitantes aos lugares e eventos religiosos. Oliveira (2005: 339), também aceita a idéia do turismo religioso como um retorno do indivíduo para dentro de si, “e por isso mesmo marcado por um exercício de plena inversão: visitar santuários (tradicionalistas ou profanos) significa voltar ao lugar de identidade”.

Oliveira (2004: 28), pontua outros aspectos dessa temática, onde para o autor, “o turismo religioso também reafirma que a fé, como principal motivação desse tipo de viagem, é capaz de construir e dinamizar a estética dos espaços, tornando-os materialmente religiosos”. Ambientes estes, que remetem ao sagrado e acabam por finalizar a materialidade das rezas e súplicas, tornando-se locais de peregrinação e atraentes para se desenvolver a atividade turística.

Na contemporaneidade, as religiões têm cumprido também, o papel de reforçar a identidade como forma de demarcar a cultura da sociedade. Burity (2002), afirma que o interesse pela identidade, diz respeito à percepção dos atores de que seu lugar no mundo passa por investimentos simbólicos, pelos quais eles se afirmam e negociam com outros sua forma de inserção na sociedade. Além disso, num mundo globalizado, o diferencial entre os grupos, instituições e indivíduos passa cada vez mais fortemente pela cultura, de forma que esta se torna uma perspectiva obrigatória de discussão do que são e para onde vão as sociedades contemporâneas.

Se “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado”, como nos informa Laraia (2001: 46), “[...] ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam”. É de supor que, as grandes transformações pelo qual o mundo tem passado com a agilidade dos processos históricos, refletem no meio e no indivíduo. Se a cultura do homem perpassa por fatores psicológicos que guiam o comportamento do indivíduo e seu grupo (GEERTZ, 1989), a religião é um dos fatores de identificação. Ela corrobora em fazer o homem como ser social se sentir aceito dentro do grupo ao qual pertence. Nesse contexto, as religiões somadas ao turismo tornaram um dos fenômenos sociais que mais tem se desenvolvido nos últimos anos.

4. FESTA DE NOSSO SENHOR DOS PASSOS

A cidade de São Cristóvão, no qual o seu centro antigo está localizado há 26 km da capital Aracaju foi criada em 1590 por Cristóvão de Barros, no período colonial do Brasil para servir de entreposto entre Salvador e Olinda (importantes postos comerciais) e proteger a região de contrabandistas franceses (NUNES, 2007). Ao ter sido inaugurada com o *status* de cidade, é considerada a quarta urbe mais antiga do Brasil, ficando respectivamente atrás de Salvador, Rio de Janeiro e João Pessoa (antiga Filipéia de Nossa Senhora das Neves). O lugar, pertencente ao estado de Sergipe na região Nordeste, acaba de receber da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), o selo de lugar que possui um sítio histórico “Patrimônio Cultural da Humanidade”.⁸

Seguindo o calendário litúrgico anual no segundo fim de semana da Quaresma, a cidade relembra a chegada de Jesus a Jerusalém, passando pela paixão, crucificação, morte e ressurreição. Desde o século XIX na cidade (SANTOS e NUNES, 2005), esse momento é rememorado através da Festa do Senhor dos Passos. São dois dias de celebração católica atraindo pessoas de vários lugares do Estado.

Herdada de Portugal, a invocação ao Senhor dos Passos se tornou na capitania de Minas Gerais, junto com a do Santíssimo Sacramento, um das principais irmandades a difundir o culto à Paixão de Cristo (CAMPOS, 2004). Ao estudar a festa em questão o historiador Bittencourt Júnior (2007) percebeu os elementos simbólicos que imbricam a festa, tanto sob o ponto de vista do sagrado, como profano. Dessa forma, a festa é o período ápice para a externalização dos sentidos, das emoções devocionais, mas torna também visíveis fatores ligados à vida profana. Para o autor acima citado, a Procissão do senhor dos Passos em São Cristóvão,

“[...] vai além dos limites sagrados e transforma-se no palco onde são encenadas as mais diversas e mundanas manifestações sociais. Além dos devotos, penitentes e promesseiros, participam da comemoração políticos, vendedores ambulantes, pesquisadores, professores e estudantes, até os curiosos sem nenhum propósito, nesse contexto, a festa se caracteriza por diversas manifestações de caráter sacroprofano.” (BITTENCOURT JÚNIOR, 2007: 4).

O ritual católico inicia a partir da sexta à noite, onde os fiéis rezam o Ofício da Paixão de Jesus Cristo, seguido de uma missa. A primeira procissão é no sábado à noite com cânticos ligados aos passos da Paixão. São paradas realizadas sempre em pontos estabelecidos e mantidos segundo a tradição da festa.

⁸ O Brasil possui agora 18 bens inscritos na Lista de Patrimônio Cultural Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. Reunido em Brasília, o Comitê do Patrimônio Mundial aprovou a indicação da delegação brasileira e incluiu na lista a Praça São Francisco, na cidade de São Cristóvão, em Sergipe, Fonte: www.unesco.org.br.

Nestes locais, são erguidos pequenos altares representando o passo a ser entoado pelos cantadores sempre em latim.

Na concepção de Almeida (2002: 27), [...] “a procissão é o começo e o fim de tudo, é o verdadeiro ponto de festejos ao santo. Especificamente no período em que o Brasil foi colônia de Portugal, Nunes (2003: 4) faz uma referência a esse tipo de manifestação cultural, comentado que “no Brasil Colônia a procissão era uma das expressões mais suntuosas da religiosidade, sendo vista como fenômeno urbano e rural expressando coesão e diferenciação social”. É o momento da festa em que os fiéis estabelecem o diálogo com o santo padroeiro”.

Neste dia, o cortejo sai da Igreja do Senhor dos Passos levando a imagem de Jesus dentro de uma caixa encoberta por um pano roxo, onde ficará até o domingo à tarde para a Procissão do Encontro. As pessoas seguem em silêncio, e algumas delas, vestindo túnicas pretas, roxas e brancas, com velas nas mãos. Segundo Pereira (2009), “muitos seguem descalços, ajoelhados ou a pé, levam os ex-votos, retratos, fitas, bilhetes ou cabelos para colocar na Igreja, ao final deixam também as indumentárias, que são recolhidas e doadas aos pobres”.

A Procissão do Encontro no domingo é um momento de grande emoção com manifestações de fervor religioso, onde podem se ver pessoas agradecendo pelas graças alcançadas ou pedindo a intercessão de Jesus ou Maria para alcançar algum benefício. Pereira (2009: 1), informa que a procissão é:

“Realizada na tarde do domingo tem dois cortejos: Um cortejo acompanha o Senhor dos Passos da Igreja Matriz em direção a Praça São Francisco onde ocorre o encontro, são cantados três passos neste percurso. Outro cortejo sai da igreja do Carmo acompanhando a imagem de Nossa Senhora em direção à mesma praça. Um sermão é realizado no momento do encontro das imagens, logo após ouve-se ecoar o triste canto da Verônica: "O vos ommines qui transites per viam, attendite et videte se est dolor similis dolor meus", e então seguem as duas imagens, conduzidas à Igreja do Carmo em cujo trajeto são cantados os passos finais. Uma missa por fim é celebrada na Praça do Carmo com as duas imagens.”

Para Giovaninni Júnior (2001: 163), as procissões relacionadas à Semana Santa, significam “a representação ordenada e harmônica de uma sociedade no encontro dos seus valores e sua identidade mediante a reverência absoluta à tradição e ao transcendente”. Ainda que, estejam embutidos, os valores não são apenas relacionados a religiosidade e devoção católica, mas também, aos culturais e artísticos.

Foi a partir da festa que se originou o Museu dos Ex-votos. Numa sala anexa a igreja do Senhor dos Passos, durante os dois dias de celebração os devotos trazem objetos, criando o próprio acervo do museu. Acervo este, composto exclusivamente de objetos referentes à graças alcançadas em pagamento de promessas. É grande o fluxo de pessoas que visitam este museu na festa de Jesus rememorando a *Via Crucis*.⁹ Algumas peças são confeccionadas em madeira, gesso e parafina, representando partes do corpo humano. Compõem também o acervo do museu, fotografias, mechas de cabelo, dentre outros.

Com a devoção ao Senhor dos Passos, a antiga Capela da Ordem Terceira do Carmo ou Carmo Pequena, passou a ser conhecida como a Igreja do Senhor do Passos. Na análise de Orazem (2006), a autora destaca o estilo Rococó da construção, onde, pelos elementos artísticos fachada, tais como fitomórficos, concheados e volutas¹⁰ da Igreja Conventual do Carmo Maior:

⁹ Trajeto seguido por Jesus Cristo carregando a cruz que vai do Pretório até o Calvário.

¹⁰ Os artistas do período barroco e o rococó se utilizaram de elementos da natureza, como folhas e conchas, bem como as formas em espiral para dar a idéia de movimento.

“Supõe-se que a igreja da Ordem Terceira – denominada de Nosso Senhor dos Passos ou Carmo Menor – foi construída posteriormente, mais ou menos nessa segunda época (segundo quartel do século XVIII), isso porque era habitual acontecer, já que as irmandades estabeleciam-se após a autorização dos clérigos e também porque suas características mais recentes.” (ORAZEM, 2006: 42).

A capela-mor possui teto em medalhão policromado em forma de gamela, com a pintura de Nossa Senhora do Carmo. O altar-mor é dourado e os quatro altares e retábulos laterais em estilo rococó¹¹ sem policromia, com as esculturas pintadas do “Senhor da Pedra Fria”, “Senhor da Coluna”, Santa Tereza e a imagem de vestir de Nossa Senhora do Carmo. A igreja possui a imagem de roca usada nas procissões da festa em madeira articulável, em tamanho natural representando Jesus, com olhos de vidro, indumentária e peruca. De acordo com Quites (1997: 1), “as Imagens de Vestir e as Imagens de Roca também possuem articulações, porém ficam escondidas sob as vestes. Essas duas categorias geralmente possuem perucas de cabelos naturais e vestes feitas em tecido”.

Ainda segundo a pesquisadora citada (1997: 1), “todas as três categorias possuem articulações, servindo para mudar a representação iconográfica da escultura e para facilitar o ato de vestir”. A maioria das imagens de Roca tem a função processional, foram confeccionadas em tamanho natural, algumas tendo olhos de vidro. Algumas são inteiriças, possuindo corpo e algumas possuem somente os membros superiores e inferiores, dando a ilusão de possuírem uma estrutura corpórea escondida sob as vestes. Este Bem Cultural foi encontrado dentro de uma caixa no rio Paramopama - rio que passa pela parte baixa da cidade - a partir daí, deu início a devoção e tradicional festa da Penitência do Senhor dos Passos.

De acordo com a tradição oral, confirmada pelo manuscrito de Serafim Sant’iago¹² a origem da tradicional devoção do Senhor dos Passos vem de uma época muito “remota”. Segundo o autor citado (2009: 92), às homenagens a Jesus Cristo sob esta invocação, teve início a partir de uma história que remete ao achado da imagem no rio Paramopama, afluente que beira a cidade pela parte baixa. Ele menciona que:

“Um homem praiano (diziam elles) cujo nome não me lembro encontrou certo dia, rolando pela costa que fica ao sul da cidade, um grande caixão resultado talvez de algum naufrágio de alguma sumaca; elle cuidadosamente rolou-o para a terra, abriu-o e surprehendido ficou verificando a existência de uma perfeitíssima imagem de roca em tamanho natural. O homem de educação religiosa muito honesto, tomou uma canoa e nella acomodou o referido caixão, e com outros companheiros transportou para a velha cidade o feliz e milagroso achado. Foi esta sagrada imagem ali entregue aos frades jesuítas carmelitas que collocou em uma capelinha da Egreja – Ordem 3a. do Carmo, e depois de longos annos, mudada para o throno do Altar-mór da mesma Egreja. Como sabem, sempre foi no segundo domingo da quaresma, o dia aprasado para efetuar a tradicional Procissão dos Passos na antiga cidade.”¹³

Santos e Nunes (2005: 98), discutem a origem da procissão ao Senhor dos Passos, informando que, “ainda no século XIX tornou-se uma das principais manifestações religiosas de Sergipe, conseguindo aglomerar fiéis devotos de diferentes segmentos sociais e de várias partes da antiga província”. Com o passar dos anos, A Festa do Senhor dos Passos tem atraído pessoas à cidade, transformando a

¹¹ Estilo artístico que surgiu na França como desdobramento do barroco.

¹² Datado de 1920, mas editado de forma impressa em 2009.

¹³ Na versão manuscrita, o documento pertence ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Fundo Serafim Santiago, fl. 20, 1920.

paisagem local. São Cristóvão que possui 78. 876 habitantes,¹⁴ no fim de semana da festa recebe em média 200.000 pessoas, entre fiéis, devotos, penitentes, turistas e curiosos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como herança barroca de matriz ibérica, das práticas de poder do Estado Moderno e da Igreja, as festas com procissões no Brasil tornaram-se eventos tradicionais em mostrar a fé das pessoas. Sabe-se que além do fator de religiosidade, as comemorações tornaram-se também “lugar comum” para atitudes profanas, sobretudo em um país de grande extensão com diferentes costumes e mescla de etnias.

Com a análise desse estudo, ficou constatado que, como território distante de Portugal desde o período colonial, as festas e procissões no Brasil, se conformaram numa dinâmica própria fruto da mistura de raças que aqui se concretizou. Tornando esses acontecimentos incorporados à cultura dos brasileiros e demarcando a religião católica de uma forma singular.

Como extensão cultural dos brasileiros, as festas devocionais, acaba por reforçar a memória, dando margem as pessoas se identificarem com o grupo. Além de lembrar a vida de santos mártires, invocações de Jesus e Maria, reforçando assim, a doutrina cristã para a população brasileira. E nesse sentido, as festas ao longo do ano deslocam pessoas por todo o território nacional, fazendo com que, tornem-se encaixadas dentro do subsegmento do turismo cultural-religioso. Criando espaços, santuários e cidades consideradas próprias para a prática dessa atividade.

É o caso da Festa de Nosso Senhor dos Passos, acontecimento enquadrado dentro das comemorações da Semana Santa de caráter penitencial. A partir do achado da imagem, há mais de 100 anos acontece à procissão reverenciando os últimos passos de Jesus. Atraindo pessoas de todo o Estado e do Brasil, transformando o acontecimento em um patrimônio imaterial da cidade de São Cristóvão.

Apesar de ser uma festa tradicional no estado de Sergipe, é real a falta de divulgação da comemoração por parte do governo e da iniciativa privada. Como um acontecimento quase bicentenário, a cidade acolhe os romeiros e penitentes através de casas de apoio oferecendo alimentação e água. No tocante a hospedagem e restauração alimentar, a cidade não dispõe de pousadas e apenas um restaurante. Pelo perfil da demanda de visitantes durante a festa, que são em sua grande maioria pessoas com baixo poder aquisitivo e vêm à cidade para pagar promessa e penitência,¹⁵ não existem ações em prol da infraestrutura turística para melhor receber a população flutuante no período da festa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. S. J. (2002), *Procissão do Madeiro: devoção e diversão. Nossa Senhora das Dores (1992 - 1997)*, Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS, São Cristóvão.

AMARAL, R. de C. (2000), *Sentidos da festa à brasileira*, http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Rita_Amaral.htm, acesso em 05.10. 2010.

¹⁴Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>, acesso em 25.01.2011.

¹⁵ Informação constatada na observação direta.

- ANDRADE, J. V. de. (2002), *Turismo: fundamentos e dimensões*, Editora Ática, São Paulo.
- ÁVILA, A. (1971), *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, Editora Perspectiva, São Paulo.
- BENI, M. C. (2000), *Análise estrutural do turismo*, Editora Senac, São Paulo.
- BITTENCOURT JR, Antônio. (2007), “Penitentes do Senhor dos Passos, identidade e diversidade na religiosidade popular”, *Encontro Nacional de História das Religiões*, ANPUH, Maringá.
- BRASIL, EMBRATUR (1999), *Roteiros da Fé*, Brasília.
- MINISTÉRIO DO TURISMO (2008), *Diretrizes para o desenvolvimento do turismo cultural*, Brasília.
- BURITY, J. A. (2002), *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*, Editora DP&A, Rio de Janeiro.
- CAMPOS, A. A. (2004), “Piedade barroca, obras artísticas e armações efêmeras: as irmandades do Senhor dos Passos em Minas Gerais”, in *Anais do VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, CBHA / PUC-Rio / UERJ / UFRJ. Vol. 1., Rio de Janeiro, 1-13.
- DIAS, R., SILVEIRA, E. J. S. (2003), *Turismo Religioso: ensaios e reflexões*, Editora Alínea, Campinas.
- FERREIRA, L. D. M. e. (2009), *Festas religiosas: uma manifestação cultural de Mariana*, Editora ETFOP, Ouro Preto.
- FIGUEIREDO, C. M. F.(1995), “Festa e urbanidade em Mariana no século XVIII: a relação entre as festas e a organização da vida urbana”, *Revista do IFAC*, UFOP, N° 2, Ouro Preto, 62-67.
- GEERZT, C. (1989), *A interpretação das culturas*, Editora Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro.
- GIOVANINNI JR, O. (2001), “Cidade presépio em tempos de paixão”. Turismo e Religião: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes”, in Baducci JR, A; Barreto, M., (Orgs.) *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*, Editora Papirus, Campinas.
- HOUTART, F. (1994), *Sociologia da Religião*, Editora Ática, São Paulo.
- JURKEVICS, V. I. (2005): “Festas Religiosas: a materialidade da fé”, *Histórias: questões & debates*, UFPR, n. 43, Curitiba, 1-6.
- LARAIA, R. de B. (2001), *Cultura: um conceito antropológico*, Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro.
- LOHMANN, G., PANOSSO NETTO, A. (2008), *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*, Editora Aleph, São Paulo.
- MAIO, C. A. (2006), “Turismo Religioso e desenvolvimento local”, in Trevizan, Salvador D. P., (Org.) *Comunidades sustentáveis a partir do turismo com base local*, Editora Editus, Ilhéus.
- MALUF, M. (2001), “O aspecto barroco das festas populares”, *Revista Olhar*, ano 3, n° 5-6, jan-dez, 1-6.
- MARTINS, C., LEITE, L. (2006), “Cultura, religiosidade popular e romarias: expressões do patrimônio imaterial”, in Martins, C., (Org.) *Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar*, Editora Roca, São Paulo.
- NUNES, M. T. (2007), “A Cidade de São Cristóvão na Formação da História Sergipana: da Colônia a nossos dias”, *Dossiê com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*, Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, Aracaju.
- NUNES, V. M. M. (2003), “A Procissão dos passos: o ex-voto como ‘imagem testemunho do milagre’ ”, *Gazeta de Sergipe*, Ano XLVII. n° 13239, Caderno A, Aracaju.

OLIVEIRA, C. D. M. de. (2004), *Turismo religioso*, Editora Aleph, São Paulo.

ORAZEM, R. B. (2006), *Arte colonial sergipana: análise dos elementos artísticos das igrejas da Ordem Terceira e Conventual do Carmo em São Cristóvão/SE*, Monografia (Licenciatura em Artes Visuais), UFS, São Cristóvão.

PEREIRA, L. M^a. (2009), *Festa do Senhor dos Passos (São Cristóvão–SE)*,
<http://lmariap.blogspot.com/2009/05/festa-de-senhor-dos-passos.html>, acesso em 25.05. 2009.

POLACK, M. (1992), “Memória e Identidade Social”, *Revista dos Estudos Históricos*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, vol. 5, n° 10, 1-15.

PRIORE, M. D. (1994), *Festa e utopia no Brasil Colonial*, Editora Brasiliense, São Paulo.

QUITES, M^a. R. E. (1997), “A Imaginária processional em Minas Gerais e a sua conservação”, *Boletim do Barroco, Festa e Turismo: Rememorando os Últimos passos de Jesus na cidade de São Cristóvão-Sergipe-Brasil*.